

O MUNDO DAS REDES SOCIAIS COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO

HERRANS, Patrícia Helena Giovanelli¹
RU 1194454
VALESE, Rui²

RESUMO

Vivemos em um mundo que a cada dia é mais virtual. No mundo virtual o sujeito e o objeto estão em um espaço e em um tempo diferentes do mundo real: o tempo e o espaço virtuais. Neste mundo virtual a relação entre o sujeito e o objeto se dá entre um sujeito que representa a si mesmo como ser livre cuja felicidade é o fim supremo de sua existência e um objeto representado em imagens e ideias cujo objetivo é a satisfação daquele fim supremo de felicidade apoiada na liberdade do indivíduo. Naturalmente o indivíduo se coloca como centro do universo, uma vez que o princípio da individuação assim determina. Também este indivíduo se imagina como livre para expor suas ideias e criar suas representações. Schopenhauer ensina-nos a pensar sobre as determinações às quais estamos submetidos, mostra-nos que não somos livres uma vez que é a vontade que controla nossas representações e prova-nos que a felicidade é apenas uma palavra que representa a ausência de sofrimento em um ínfimo intervalo de tempo.

Palavras-chave: Vontade. Representação. Redes Sociais. Sofrimento. Indivíduo

1 INTRODUÇÃO

A metodologia utilizada no presente artigo é um estudo de natureza bibliográfica e análise das publicações postadas nas redes sociais pelos indivíduos em geral. Procurou-se mostrar a atualidade do pensamento filosófico de Schopenhauer, contextualizando-o com as redes sociais, tendo em vista a necessidade de mostrar ao aluno ou leitor que a filosofia está relacionada com os fatos cotidianos da vida e não é, como muitos pensam, teoria antiga ultrapassada desvinculada dos fenômenos contemporâneos.

A pesquisa foi realizada por meio da leitura e interpretação principalmente do livro O Mundo como Vontade e Representação, de Arthur Schopenhauer, inserindo-se os conceitos do mesmo no mundo virtual. Os objetivos são conhecer os conceitos principais da obra O Mundo como Vontade e Representação, relacionar os conceitos de sujeito,

¹ Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. 2º semestre – 2017.

² Professor Orientador no Centro Universitário Internacional UNINTER.

objeto, representação e vontade e estabelecer os elos que os ligam e os separam, relacionando-os às redes sociais.

Na análise da realidade quotidiana dos indivíduos, fora das redes sociais, podemos intuitivamente constatar que o mundo real é triste, monótono, enfadonho e repetitivo. Outras vezes se mostra instável, inseguro, cheio de frustrações, desesperanças e sonhos não realizados. Não é raro sentirmos intenso ódio pelas pessoas que nos cercam, como se fôssemos injustiçados pela presença incômoda das mesmas e como se elas fossem as responsáveis pelo ódio que sentimos por elas.

A realidade não virtual se mostra cruel. Ela não foi criada para cada um de nós, ela não é o reino da liberdade, não é o Jardim do Éden da abundância, não é a convivência pacífica e harmônica entre os contrários, não é a ordem racional e emancipatória, não é um organismo em perfeito funcionamento, não é o beijo doce da poesia.

Ela se mostra com apenas algumas possibilidades limitadas:

1. Poderemos estar empregados ou desempregados. Caso contrário, apenas conseguiremos viver de bicos, favores da família e amigos ou mesmo da Bolsa Família do governo. Além destes meios não existem outras formas de subsistência. A realidade é uma luta infindável pela sobrevivência onde devemos estar preparados para devorar ou sermos devorados.
2. Poderemos estar com boa ou má saúde, mas nunca estaremos totalmente saudáveis ou totalmente doentes. Um dia qualquer teremos doenças graves e estaremos prestes ao falecimento, mas até que não ocorra esta doença e a morte inexorável, geralmente teremos uma dor aqui e outra acolá, uma perna quebrada por um acidente, um defeito congênito, uma fobia social, um medo de aranhas, uma gagueira, uma obsessão, um complexo de alguma parte do corpo e muitas outras queixas físicas e psicológicas. Resta-nos a ilusão da busca incessante da felicidade perfeita, busca que apenas satisfaz o inevitável vazio que resultaria de sua ausência.
3. A todo instante e em qualquer espaço estaremos sempre sozinhos com nossa própria consciência. A relação que temos com o outro será sempre mediada pela representação de nossa própria consciência em relação ao outro. É logicamente impossível representarmos o outro sem uma consciência que o represente, pois cada um

de nós possui uma consciência e é esta que se relaciona com o outro e com o mundo. É o princípio da individuação.

4. A desordem das coisas faz parte da constituição das próprias coisas. Não é possível um mundo em que a ordem e a perfeição da mesma prevaleçam sobre a desordem e a imperfeição de todas as coisas. Por detrás deste mundo aparentemente perfeito, desta ilusória perfeição platônica prevalecente no imaginário comum, há um mundo de extrema desordem ao qual não temos acesso e sobre o qual não temos discernimento.

5. A razão e a percepção são apenas instrumentos pelos quais compreendemos, representamos, uma realidade que em si mesma não é racional e nem irracional, que também não é a própria percepção que temos dela. É a crítica à racionalidade e à matematização da realidade como constitutiva da própria essência da natureza ou essência da realidade.

Dadas estas limitações da realidade, dada a infinita vontade humana de superar tais limitações e dada a impossibilidade de a vontade concretizar esse seu objetivo, manifesta-se o sofrimento.

Sufrimento é a melhor palavra que representa a percepção intuitiva do tempo e do espaço. Pelas sensações, intuitivamente, percebemos o mundo em termos de intensidades de sofrimento, sendo que ao menor sofrimento chamamos prazer e ao maior chamamos desespero. Entretanto, dissociamos conceitualmente o prazer do sofrimento e visamos ao prazer como se fosse uma instância separada ao do sofrimento, educados que somos pela ideologia platônica. Prazer e sofrimento são exatamente o mesmo conceito, pois ambos apenas se separam pela intensidade do sofrimento no tempo e no espaço. “Quando o desejo e a satisfação se seguem em intervalos que não são nem demasiados longos nem demasiados curtos, o sofrimento, resultado comum de um e de outro, desce ao mínimo: e essa é a vida mais feliz [...]” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 329).

A eliminação do sofrimento é o melhor sentido que representa a vontade humana. Por outro lado, na medida que a vontade visa sempre novos objetivos para eliminar sofrimentos, surgem desses objetivos novos sofrimentos em uma cadeia infinita de sofrimentos. Neste sentido não é possível também dissociarmos sofrimento e vontade, ambos são faces de uma mesma moeda. Uma vez que a vontade é infinita e os

obstáculos são inúmeros para satisfação das necessidades da vontade, o sofrimento estará presente em cada instante em nossas vidas.

A vida como sofrimento e a constante vontade de eliminação deste é o melhor significado que representa a vida. A própria seleção natural, onde a natureza manifesta todo o poder da vontade devorando-se a si mesma em uma luta incessante para preservação e fortalecimento da vida até a constituição de seu projeto mais grandioso, o homem, pode ser definido como uma luta desde os primeiros organismos unicelulares para se manterem existentes, uma luta, portanto, contra o sofrimento causado pela degenerescência e consequente morte. “A vida de cada um de nós, se a abarcarmos no seu conjunto com um só olhar, se apenas considerarmos os traços marcantes, é uma verdadeira tragédia [...]” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 338).

O homem, ele é o projeto mais perfeito da vontade. Assim, nele a vontade está presente em toda a sua fúria, todas as suas contradições, toda a sua irracionalidade, toda a força construtiva e destrutiva. O homem é a própria vontade em ebulição.

Neste contexto filosófico com consequências existenciais surge o mundo das redes sociais, o mundo virtual, como forma da vontade manifestar sua intencionalidade de superação do sofrimento. É um mundo criado pela vontade e para a vontade, sem o espaço real e sem as limitações da realidade, como modo da vontade forçar a dissociação impossível entre a vida e o sofrimento.

Nas redes sociais, neste mundo em que a cada dia as relações humanas se tornam mais distantes e virtuais, toda a vontade se satisfaz em um falso prazer infinito. A falsa perfeição da beleza estética é representada em *selfies* bem lapidadas, o sabor dos alimentos parece saltar nas fotos, a felicidade parece estar estampada nos melhores perfis. Muito frequentemente as pessoas parecem estar totalmente livres de todas as amarras sociais para expressarem as opiniões mais extravagantes e preconceituosas, opiniões que em suas vidas cotidianas provavelmente teriam extremo receio de professar, coibidas que são no dia a dia real pelos tabus, condicionamentos sociais e a presença próxima do outro a quem deve prestar os devidos esclarecimentos.

Neste mundo virtual onde aparentemente impera o reino da liberdade, o termo popular “Freud explica” poderia ser substituído facilmente por “Schopenhauer explica”, uma vez que este último é um dos pais intelectuais da moderna psicanálise.

2 O PENSAMENTO DE SCHOPENHAUER NO CONTEXTO DAS REDES SOCIAIS

Quando as mensagens nas redes sociais são analisadas em uma perspectiva filosófica podemos separá-las em alguns blocos com características diferentes que podem ser enquadradas em uma ou outra escola de pensamento.

Basicamente, existem dois grandes blocos de mensagens segundo o contexto filosófico: as mensagens que aparentemente não desejam transmitir uma visão de mundo e as mensagens que intencionalmente expressam uma visão de mundo. No primeiro bloco, aquelas que não possuem a intenção direta de defesa de uma posição, também indiretamente se posicionam de acordo com certo modo de ver o mundo. Então, em linhas gerais, tanto no primeiro quanto no segundo bloco, as mensagens se dividem também em dois tipos gerais: embora de uma forma confusa, com forte conteúdo sentimental, a grande maioria delas seguem a corrente predominantemente platônica e a minoria segue uma visão mista, que não dá para ser encaixada em qualquer corrente de pensamento, pois misturam-se todas as ideias, ora afirmando e ora negando o que se afirmou de modo contraditório.

Embora o platonismo esteja presente em todas as mensagens, quando os indivíduos estabelecem uma relação de verdade incontestável entre a sua representação e o representado, a verdade entre os conceitos do sujeito e as ideias ditas verdadeiras do que é considerado justo, bom, belo, verdadeiro, sublime, perfeito, a relação antagônica entre o que é o bem e o que é o mal, geralmente este mesmo indivíduo, movido por tristezas momentâneas, frustrações do dia a dia, movido então por sentimentos incontroláveis, este mesmo indivíduo altera seu perfil drasticamente e passa a defender uma visão semelhante à de Schopenhauer, onde o pessimismo, o sofrimento e a tragicidade da vida são conceitos preponderantes.

Aparentemente, em linhas gerais, a intenção das mensagens é mais expressar uma representação sentimental do que uma representação conceitual do mundo. Na perspectiva de Schopenhauer, a representação sentimental seria a representação intuitiva, aquela que está ligada mais diretamente à coisa em si (à vontade) e que posterior-

mente, através das formas a priori do conhecimento, que são o tempo, espaço e causalidade, a razão converterá em representação conceitual, relacionando esses dados por intermédio dos raciocínios lógicos.

Embora, ele afirme que a genialidade seria uma relação direta com a representação intuitiva, também diz que o homem comum não se demora para contemplar a intuição e encontrar nela as regularidades, por isso o homem comum “acabou tão depressa com todas as coisas, com as obras de arte, com as belezas da natureza, com o espetáculo verdadeiramente interessante da vida universal, considerado nas suas múltiplas formas” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 196).

Depreende-se que para Schopenhauer, existem diversos graus de inteligência nos indivíduos, mas que a grande maioria se enquadra entre os homens comuns. De onde podemos concluir, que a grande maioria dos indivíduos não ultrapassará o estágio entre a representação intuitiva imediata e a conceitual, muito menos a contemplação estética e o ascetismo tratados por Schopenhauer.

Sendo as redes sociais um meio de comunicação em massa, ela necessariamente será dominada pela grande massa, aquela grande maioria que não conseguirá ultrapassar este estágio de desenvolvimento intelectual, estético e espiritual.

Deste modo, neste meio, a representação sentimental imediata sempre prevalecerá sobre a conceitual, a contemplativa e a espiritual. Não que isso seja algo ruim em si mesmo, a ética de Schopenhauer não é prescritiva, ela procura estudar as motivações humanas, ele dirá “não se deve esperar, é claro, encontrar neste livro de ética prescrições, uma teoria dos deveres [...]” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 286).

Sob um ponto de vista da filosofia de Schopenhauer, a vontade direciona as formas de representação dos internautas para tentar se impor no mundo, para impor a individualidade de cada um deles submetida ao princípio da individuação. São pouquíssimos aqueles que mantêm um comportamento ascético em sua vida cotidiana, muito menos nas redes sociais, onde as barreiras para expressão ainda não são disciplinadas por leis coercitivas que censurem a vontade de se impor sobre as dos outros.

Cada indivíduo, que desaparece por completo e diminui ao nada em face do mundo sem limites, faz, no entanto de si mesmo o centro do universo, antepondo a própria existência e o bem-estar a tudo o mais, sim, do ponto de vista natural está preparado a sacrificar qualquer coisa, até mesmo a aniquilar o mundo, simplesmente para conservar mais um pouco o próprio si-mesmo, esta gota no meio

do oceano. Eis aí a mentalidade do egoísmo, o qual é essencial a cada coisa da natureza. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 286).

Também ainda não se formou um código de ética virtual que discipline as mensagens, porque as redes sociais foram criadas há poucos anos e representa para as pessoas uma novidade com regras diferentes com as quais estão aprendendo a conviver.

Assim, neste contexto, a vontade predominantemente direciona os internautas para uma posição individualista, segundo o princípio da individuação. As mensagens são carregadas com intensidade emocional subjetiva como se a vontade de cada um dissesse “eu estou aqui, percebam-me, eu existo, sou o ser mais importante do universo”. A vontade controla os indivíduos e este controle se manifesta nas emoções. “A vida do Homem oscila, como um pêndulo, entre a dor e o tédio, tais são na realidade os seus dois últimos elementos”. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 327).

É pelas emoções que os indivíduos se relacionam diretamente com os desejos da vontade, vontade esta alheia aos próprios indivíduos. A vontade se coloca como controladora dos comportamentos, das ideias e das perspectivas de futuro. O indivíduo se submete à vontade de forma que ele ilusoriamente se acha controlador de si mesmo, entretanto é a vontade que o controla com poucas possibilidades de libertação.

Essa intensidade emocional na maior parte das vezes é expressa em sua forma mais idealizada. As ideias ou são muito belas e perfeitas, sob o ponto de vista platônico, ou opostas à estas, representando a feiura e a imperfeição, à primeira vista como se fossem um contraponto às primeiras. Entretanto, tanto umas quanto outras seguem a mesma visão platônica do mundo, no sentido de que se visa o ideal a ser alcançado de perfeição estética, moral e ética.

Assim, por exemplo, se alguém coloca uma mensagem de um cachorrinho peludinho muito bonito, uma outra pessoa em contraponto coloca uma mensagem com imagens sobre o processo de fabricação de ração para cães, onde utiliza-se a carne de diversos animais também muito bonitos, como salmões, coelhos, ovelhas, bois e muitos outros.

Esse segundo posicionamento só aparentemente se aproxima do pensamento de Schopenhauer, pois para ele a vida é uma eterna luta da vontade para se impor, de forma que ela devora-se a si mesma. A luta pela sobrevivência, a cadeia alimentar, seria apenas a manifestação direta dessa característica da vontade. Entretanto, a vontade não é regida

por leis morais, éticas ou estéticas, ela é cega, sobre ela não existem relações de causa ou efeito. A vontade é o que ela é. Neste aspecto, mesmo essa segunda posição destoa do pensamento de Schopenhauer e se aproxima mais do pensamento de Platão, onde existe um ideal ético, moral e estético a ser seguido. Embora, como o próprio Schopenhauer escreveu, o seu pensamento se aproxima em muitos pontos aos de Platão.

As ideias belas e perfeitas geralmente são expressas nas redes sociais por aquelas pessoas consideradas normais no meio social real, por que estes precisam manter seu status virtual coerente com o status social. A vontade é direcionada para servir de propaganda pessoal em um contexto social onde valoriza-se certos comportamentos e despreza-se outros, desta forma são escolhidas as melhores fotos e melhores palavras para a promoção da imagem pública e que não causem polêmica no meio em que circulem. São as fotos de pratos saborosos, sorrisos saudáveis, atividades físicas ao ar livre, divertimentos variados, felicidade expressa nos olhos, maquiagens benfeitas e cabelos bem alisados. Muitas vezes imagens aprimoradas ou modificadas com o uso de editores de imagens de forma que pareçam se aproximar da realidade que se pretende divulgar, semelhante às propagandas publicitárias. Nos conceitos de Schopenhauer, seria a representação servindo de propaganda ao princípio de individuação extremo em que estão inseridas as redes sociais.

Neste mundo virtual parece que a vida é só felicidade, alegria perfeita, divertimento e prazeres infindáveis. Exatamente o oposto da filosofia de Schopenhauer.

Mas, uma vez que em seu mundo não virtual o indivíduo é só sofrimento, dor, angústia, solidão, desamparo, frustração, doença, uma luta infindável para satisfação de necessidades básicas e outras fúteis, há um nítido conflito entre o virtual e o real. O virtual aguça os desejos da vontade. O real quer se tornar virtual, quer a felicidade que não encontra em si mesmo. A vontade busca naturalmente a satisfação, que não é possível no mundo real, daí ela se prende ao mundo virtual, porque aí aparentemente a felicidade é abundante.

Por outro lado, as ideias consideradas diferentes da ideologia prevalecente no mundo virtual, que são relativamente a minoria, parecem vir daqueles que não possuem uma reputação a ser preservada no meio social real ou não pensam sobre as consequências futuras das mesmas. De um lado têm alguns poucos que se mostram críticos, racio-

nais e moderados, mas estes têm tido pouca aceitação em um meio profundamente emotivo, controlado pela vontade. Outros são extremamente radicais em seus sentimentos e crenças. Xingam, menosprezam, ridicularizam, muitas vezes com falsos perfis onde expressam suas posições morais radicais sob anonimato. Outras vezes essas pessoas se relacionam em grupos virtuais de forma que fortaleçam suas crenças.

O mundo virtual, como o próprio nome diz, é pura representação. Nele não há a mediação direta da representação intuitiva da presença do outro e dos objetos com o qual o sujeito se relaciona e se constitui como indivíduo. Assim, desvinculado destas determinações causais, desvinculado também do tempo e do espaço real da vida cotidiana, o indivíduo em uma relação direta com a vontade, ilusoriamente sente-se poderoso, motivado pela vontade, para impor aos outros o seu mundo subjetivo, que naturalmente é o centro de tudo no contexto do princípio da individuação.

Na perspectiva da filosofia de Schopenhauer o fortalecimento de certas crenças radicais dentro de um grupo composto por diversos indivíduos seria a forma como a vontade se impõe sobre esses indivíduos para que ela, a vontade, se fortaleça no grupo e se imponha sobre todos os indivíduos do grupo e, a partir do grupo, se imponha sobre todos os demais indivíduos e todas as coisas fora do grupo. O grupo radical é uma criação da vontade para que esta seja incubada, se fortaleça e se imponha ao mundo e não para que o indivíduo se fortaleça.

Nesta perspectiva, o caminho para controle da vontade nas redes sociais será obviamente a censura através de uma legislação que impeça a livre expressão das ideias. Porque ao contrário de Kant, Schopenhauer não acredita na emancipação do homem através da razão. Embora possamos usar a razão para tentar domar a vontade, esta é uma fera selvagem que não pode ser domesticada e, mais dia menos dia, ela nos devorará.

O indivíduo em si mesmo é sujeito e, como sujeito, ele não existe sem o objeto. O sujeito sem o objeto não é coisa nenhuma, não existe em si mesmo, mas enquanto relação sujeito-objeto o sujeito sempre é único, aquele que está no centro de toda a relação, o centro de tudo. Sujeito-objeto se fundem em cada um de nós, enquanto indivíduos e se mostra como única realidade possível. O objeto, aparentemente exterior, aparece para o sujeito como fenômeno, que é a relação sujeito-objeto se manifestando no indivíduo enquanto corpo e consciência. O objeto, a realidade, as coisas que são, também nada são

fora da relação sujeito-objeto. Por detrás do fenômeno, das coisas que se manifestam na relação sujeito-objeto através de relações temporais, espaciais e causais, está a vontade, a coisa em si absolutamente desprovida de razões cujo único propósito é manter-se enquanto vontade. A vontade em sua completa irracionalidade abarca tudo e a todos. Portanto, as relações nas redes sociais são controladas por esta vontade que utiliza os indivíduos ao seu bel prazer.

Sendo o sujeito único nesta relação, sendo o objeto apenas a representação única do sujeito, sendo a vontade a coisa em si que a tudo controla e sobre a qual o indivíduo não possui nenhum controle, é absolutamente desprovido de sentido a pretensão de união dos indivíduos em grupos radicais para fins de afirmação do sujeito ou sua libertação. Na filosofia de Schopenhauer cada indivíduo é único e não é possível anular essa unicidade a partir de crenças radicais.

Mas, a vontade pode ser controlada em sua voracidade de controle sobre o indivíduo, seja ele o internauta ou não?

Schopenhauer dirá que há 3 maneiras de o indivíduo ter certo controle sobre a vontade.

O primeiro é a compreensão pelo indivíduo de que ele é dominado pela vontade, momento em que ele se percebe pertencente à espécie humana e compreende que sua vontade é a mesma de todos os outros da espécie. Portanto, o princípio da individuação se enfraquece a partir da representação consciente do indivíduo sobre as leis que regulam o funcionamento deste princípio. Essa primeira capacidade de controle, portanto, de libertação parcial sobre a vontade, seria dada pela educação, onde o indivíduo, através de uma educação voltada para o desenvolvimento da intuição pudesse construir os conceitos a partir da vivência com o mundo e com seus semelhantes. Através da reflexão poderia aprender a se perceber como único, mas também que cada um dos demais seres também seriam únicos, embora representados na consciência deste indivíduo como objetos múltiplos no espaço e no tempo.

O segundo é a contemplação estética, onde o sujeito funde-se com o objeto pelo menos por um instante e dissolvem-se as relações temporais, espaciais e causais presentes na representação conceitual ou intuitiva. Neste momento o sujeito apenas contempla o objeto e se abstém de qualquer representação. O sujeito perde-se de si mesmo, nada deseja e, portanto, liberta-se do sofrimento que vem da vontade. Este segundo tipo

de libertação seria dado pela educação estética, através do contato diário com as obras de arte de todos os tempos, de forma que o indivíduo perceba que suas representações pessoais, sejam conceituais ou intuitivas, são apenas uma entre as infinitas outras representações possíveis.

O terceiro é o ascetismo, a forma mais eficaz e menos comum, onde a vontade é gradualmente anulada no indivíduo por meio da meditação profunda. Esse tipo de controle absoluto está apenas ao alcance de alguns indivíduos iluminados. Nestes, o indivíduo nega completamente a vontade a partir de ideais que podem ser tanto religiosos quanto filosóficos, de modo que estes ideais são colocados metafisicamente acima da vontade individual. Estes ideais seriam os conceitos puros segundo o entendimento de Platão. O ideal de justiça, de bondade, de beleza e de amor, mas compreendidos sempre não no seu sentido de verdade absoluta conforme conceito platônico e sim como relação do sujeito com os demais seres existentes, livres ambos das amarras do princípio da individuação. É a ligação ao outro pelo princípio da compaixão, que significa a aceitação das contradições do outro e de todas as diferenças em relação ao eu, que cada um representa como o centro do universo. O princípio da compaixão é semelhante àquele da filosofia oriental hinduísta e budista, cujo conceito principal é o da harmonia entre os opostos: o yin-yang do taoísmo, a busca da harmonia no budismo, a benevolência e justiça do confucionismo.

Basicamente, para Schopenhauer, as ações humanas, controladas pela vontade, ocorrem por egoísmo, por crueldade ou por compaixão. No ascetismo, através da meditação, o egoísmo e a crueldade são aniquilados, restando apenas a compaixão. Para Schopenhauer a compaixão é o fundamento da ética e também, quando levada ao extremo, é o fundamento do ascetismo. Através da educação e das regras legais pode-se estimular o intelecto a compreender e a buscar a compaixão, entretanto o que se pode apreender das palavras de Schopenhauer é que somente alguns iluminados podem efetivamente apreender o sentido da compaixão.

Para ele, o homem comum, que é a grande maioria, vai sempre buscar a felicidade onde só encontram sofrimento: comer ostras, beber vinho e *champagne*, isso constitui o fim supremo de sua existência. Proporcionar tudo o que possa contribuir ao bem-estar material: esse é, pelo menos, o programa de sua vida, conforme Schopenhauer (2002) em Aforismos sobre a Sabedoria da Vida. Exatamente como ter o último lançamento de

celular, o carro do ano, a nova coleção de roupas da moda verão, tudo documentado e propagandeado nas redes sociais. Porque não basta ter, é precisa mostrar que tem. Esta é a visão do homem comum. “Em tudo aquilo que fazemos, levamos em conta antecipada a opinião dos outros, é essa preocupação que dá azo ao nascimento da metade das angústias e as preocupações que nos afligem, Schopenhauer (2002).

Neste contexto do pensamento de Schopenhauer, o que precisamos nós, especialmente neste mundo cada vez mais virtual, o mundo das redes sociais, para que realmente nos fortalecemos como indivíduos e não nos aprisionemos à vontade?

Schopenhauer observaria esse atual meio de comunicação, perceberia a emotividade das pessoas, o sofrimento às quais infringem umas às outras, tanto no mundo real quanto virtual, então provavelmente responderia à esta pergunta com os ensinamentos budistas escritos no Sutta Pitaka:

Qual, bhikkhus, é a raiz do sofrimento? É este desejo que conduz a uma renovada existência, acompanhado pela cobiça e pelo prazer, buscando o prazer aqui e ali; isto é, o desejo pelos prazeres sensuais, o desejo por ser/existir, o desejo por não ser/existir. Isso é chamado raiz do sofrimento. (Samyutta Nikaya, XXII, 31). Quando alguém compreende e vê o ouvido como impermanente ... a mente como impermanente ... os objetos mentais como impermanentes ... a consciência na mente como impermanente ... o contato na mente como impermanente ... qualquer sensação que surja tendo o contato na mente como condição – quer seja prazerosa, dolorosa ou nem prazerosa, nem dolorosa – como impermanente, a ideia do eu é abandonada. É quando alguém compreende e vê assim que a ideia do eu é abandonada. (Samyutta Nikaya, XXXV,167)

Assim, diante deste mundo virtual que se apresenta falsamente com prazeres infinitos, Schopenhauer nos recomendaria ter muita cautela e sempre termos em mente que a vida é essencialmente sofrimento. Embora não acredite na liberdade da razão ou na liberdade do caráter do indivíduo e também não faça prescrições éticas e nem fale em “dever absoluto”, contrariamente a Kant, Schopenhauer resumiria sua ética, assim como Buda: “Tenha compaixão por todos os seres, ricos e pobres; cada um tem o seu sofrimento. Alguns sofrem demais, outros muito pouco”. Ou ainda: “Não faças mal a ninguém, mas antes ajuda a todos que puderes”.

Com efeito, sob influência da filosofia oriental, Schopenhauer defende que somente através da abnegação, o esquecimento do eu, com o abandono do princípio da razão suficiente e do princípio da individuação, através da compaixão, o homem pode de fato ser livre, porque negando o princípio da razão suficiente e o princípio da individuação,

ele estará negando também a vontade, bem como os determinismos que o controla através do reconhecimento do sofrimento de que é constituída a vida: “E, aliás, de onde é que Dante tirou os elementos do seu Inferno, senão deste mundo real” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 341). E a seguir:

Segundo o que acabamos de dizer, a negação do querer-viver, que não é outra coisa senão a resignação ou a santidade absoluta, resulta sempre daquilo que acalma o querer, isto é, a noção do conflito da vontade consigo mesma e da sua futilidade radical – futilidade que se exprime nos sofrimentos de todos os homens”... “Sem a negação completa do querer, não há salvação verdadeira, libertação efetiva da vida e da dor. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 416)

Assim, na visão de Schopenhauer, embora nas redes sociais existam diferentes representações estéticas, a poesia, a música e a literatura, estas representações estão em um grau muito baixo, sem profundidade, ao nível do homem comum, e as pessoas não se demoram no aprofundamento, de tal forma que é muito difícil nas redes sociais a contemplação estética dessas formas artísticas. Tudo é muito rápido, ao nível da intuição imediata vinda das imagens. Não há espaço para a reflexão e contemplação estética. A arte é utilizada como promoção pessoal, bandeira política, publicidade de produtos, mas sempre de forma rápida e fugidia.

Talvez Schopenhauer não menosprezasse a importância das redes sociais como possibilidade futura insipiente de aprimoramento dos indivíduos. Mas, no contexto de seu pensamento pessimista e aristocrático, ele possivelmente nos diria que as redes sociais no momento presente são a banalização das artes, a submissão total do indivíduo ao poder da vontade, a busca da felicidade em um mundo que apenas aumenta a infelicidade, pois nas redes sociais está implícita a ideia de que nascemos para sermos felizes e todo sofrimento é uma exceção, enquanto que no pensamento de Schopenhauer o sofrimento é a normalidade e a felicidade simplesmente não existe.

A obra máxima de Schopenhauer, O Mundo como Vontade e Representação, inicia com uma frase curta e direta: “O mundo é minha representação” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 9). Com a palavra “minha” ele nos remete ao conceito racionalista cartesiano que parte do sujeito para explicação da existência do mundo. Com a palavra representação ele nos remete a Kant, que separa o mundo fenomênico, aquele que se mostra à consciência do sujeito, do mundo da coisa em si, o mundo escondido por trás

do fenômeno, mundo este não passível de ser conhecido através da razão, uma vez que a razão está submetida às leis da causalidade e aos princípios do tempo e do espaço, enquanto que a coisa em si desconhecemos como se constitui e a quais princípios está submetida. Não sabemos se aos mesmos princípios da razão ou a outros totalmente inacessíveis.

A verdade a priori inquestionável é aquela de que o homem consciente “tem a inteira certeza de não conhecer nem um sol e nem uma terra; mas apenas olhos que veem este sol, mãos que tocam esta terra; em uma palavra, ele sabe que o mundo que o cerca existe apenas como representação” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 9). Portanto, o mundo (objeto) existe apenas para o sujeito.

Com efeito, a representação implica a coexistência necessária do sujeito junto com seu objeto, não sendo possível a exclusão de um ou de outro, pois ambos fazem parte da representação. “Estas duas metades são, portanto, inseparáveis, mesmo em pensamento; cada uma delas é real e inteligível pela outra e para a outra” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 11).

Entretanto, diferentemente de Descartes e Kant, Schopenhauer nos mostra no livro uma visão diferenciada do mundo quando ele diz que “O mundo é a minha vontade” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 10).

Se o mundo é minha representação, como pode ser também a minha vontade? É esta conexão entre representação e vontade que ele vai procurar estabelecer durante toda a obra e que o diferenciará de Descartes e Kant, diferenciação esta que servirá de inspiração para pensadores como Nietzsche, Wittgenstein, Freud, Heidegger e Sartre, bem como inúmeros poetas, músicos e escritores, inclusive o escritor Machado de Assis.

A conexão entre representação e vontade se dará a partir da diferenciação entre dois tipos de representação: a representação intuitiva e a representação conceitual. Schopenhauer diz que a representação intuitiva, a organização dos dados dos sentidos, ocorre no entendimento do homem e em todas as espécies de animais e se dá pela aplicação a priori do princípio de causa e efeito, presente no entendimento, sobre os dados brutos dos sentidos em relação com o mundo. Daí que a representação intuitiva não é dada diretamente pela experiência, como afirmou Hume, e sim é mediada a priori pelos princípios do entendimento, bem como a experiência está submetida às leis da causalidade e não o inverso. A representação conceitual seria o tratamento abstrato

efetuado pela razão sobre os dados processados pela representação intuitiva de forma a criar conceitos gerais aplicáveis a todos os casos semelhantes.

Portanto, seja como representação intuitiva ou representação conceitual, as leis a priori da causalidade, do tempo e do espaço presentes no entendimento fazem a mediação entre o mundo e a representação que o sujeito tem dele. Daí ser a representação absolutamente relativa ao sujeito que efetua a representação. Não é a experiência que determina a representação, não é um mundo externo que através de leis intrínsecas a ele faz aparecer o sujeito, como afirmam os materialistas; e nem o sujeito através de leis intrínsecas a ele faz aparecer o mundo externo, como afirmam os idealistas. Não, o mundo é relativo ao sujeito porque ambos existem ao mesmo tempo e não podem existir em separado.

O tempo, constituído de presente, passado e futuro, bem como as relações de causalidade entre os eventos que são sempre temporais e espaciais, são elementos a priori do entendimento do sujeito e, portanto, este o aplica sobre todas as coisas, inclusive tenta aplicá-los onde nem sequer é possível: sobre o próprio sujeito. Entretanto, “nós não conhecemos nunca o sujeito; é ele que conhece em toda parte em que há conhecimento”.

E a coisa em si? O que ela é? Schopenhauer dirá que a coisa em si é a vontade. Ele chega a essa ideia por exclusão no livro II de O Mundo como Vontade e Representação. Primeiro, ele exclui as matemáticas, uma vez que elas apenas “resultam da comparação de uma representação com outra, e isso apenas sob o ponto de vista da quantidade” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 44). Depois, ele parte para as ciências naturais, e também as descarta como fundamento da coisa em si, por tratarem das formas e das mudanças dos objetos e dos fenômenos e não da essência íntima dos mesmos. Essas ciências chamam de força natural à esta força estranha que movimenta o mundo e a constância imutável da manifestação desta força é chamada de lei natural, mas essas ciências não explicam o que é essa força ou forças, apenas tratam de suas manifestações na natureza enquanto representações no entendimento humano.

Daí então que Schopenhauer conclui que a coisa em si deve ser buscada no próprio homem, pois este representa a si mesmo e a todos os demais homens como objetos porque o homem possui um corpo, entretanto é esse corpo, essa cabeça, que representa. O homem não é “uma cabeça de anjo alado, sem corpo” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 109). Enquanto indivíduo, enquanto identidade entre o sujeito e objeto (seu

corpo), o homem faz parte do mundo. É então a partir da relação entre sujeito que representa e objeto (corpo) representado que Schopenhauer conclui que é a vontade aquela coisa misteriosa chamada coisa em si. Porque a palavra vontade, princípio conhecido intuitivamente por cada um de nós, embora não a conheçamos em sua totalidade, é a melhor palavra para designar essa força que move nossas ações e que constitui o próprio corpo. “Todo ato real da nossa vontade é, ao mesmo tempo e infalivelmente, um movimento do nosso corpo” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 110). Mas, os atos da vontade não são regidos pelas leis da causalidade, ter vontade e agir são um só fato. A vontade apenas objetiva seu ato através da ação do corpo, sem relação de causa e efeito. A nossa representação toma a ação do corpo como objetivação da vontade. Todo ato real da vontade é um ato fenomenal do corpo e toda ação exercida sobre o corpo é uma ação exercida sobre a vontade, daí que dor é quando a ação é contrária à vontade e prazer quando é conforme a vontade.

Corpo e vontade podem ser entendidos como sendo uma coisa só, embora esta relação não possamos explicar de forma racional, faz parte de um conhecimento intuitivo. O princípio da individuação é a relação do sujeito com a representação de seu próprio corpo (objeto) ou vontade, constituindo-se a partir desta relação o indivíduo, que é único, o único ser realmente existente para o sujeito, uma vez que reúne sujeito e objeto (corpo que se identifica com sua vontade). Em primeiro momento, todos os demais seres são vistos como representações para este sujeito. Este pode ter em relação a eles duas posições: negá-los como fenômenos de vontade e existência, o chamado egoísmo teórico dos céticos, onde o sujeito se deixa levar pela impressão imediata e considera teoricamente o sujeito como único ser existente, portanto o único dotado de vontade; ou afirmá-los como seres existentes, em analogia com nosso próprio corpo e vontade, uma vez que embora os enxerguemos como representações, comparativamente ao que somos, eles devem possuir também uma vontade e uma existência. Essa essência chamada vontade, constitutiva de nós mesmos, deve ser então a essência de todos os demais seres vivos, pois cada um deles é em si mesmo um sujeito em relação a um objeto, assim como nós mesmos.

A seguir Schopenhauer generaliza o conceito de vontade e o estende para todas as coisas existentes na natureza,

na força que faz crescer e vegetar a planta e cristalizar o mineral; que dirige a agulha magnética para o norte; ele a encontrará nas afinidades eletivas dos corpos, que se manifestam sob a forma de atração ou de repulsa, de combinação ou de decomposição; e até na gravidade que age com tanto poder em toda matéria que atrai a pedra para a terra, como a terra para o sol" (SCHOPENHAUER, 2001, p. 119).

Mas não podemos reduzir o conceito de vontade ao conceito de força, podemos sim reduzir o conceito de força ao conceito de vontade, pois a vontade é a própria essência do mundo, a coisa em si, enquanto que a força é apenas um conhecimento forjado a partir da experiência.

A vontade neste contexto seria semelhante ao mundo das ideias de Platão. Com a diferença de que a multiplicidade de ideias também é a manifestação da unicidade da vontade. A vontade é única e se manifesta, se objetiva, na pluralidade, primeiro na pluralidade de ideias de acordo com o conceito platônico de formas eternas das coisas, depois na pluralidade de variações destas formas ideais. A vontade é o que permanece invariável na multiplicidade de coisas existentes na natureza, coisas estas que estão continuamente se transformando, em contínuo movimento, sujeitas às determinações de causa e efeito no tempo e no espaço.

A vontade em si mesma, por sua natureza, está fora destas leis de causalidade e fora do tempo e do espaço, pois ela é o princípio irracional fora do tempo e do espaço, princípio não sujeito a quaisquer leis de causalidade, que se objetiva na multiplicidade de coisas para constituir o que chamamos de existência.

Compreendo, portanto, pelo conceito de ideia esses graus determinados e fixos da objetivação da vontade, enquanto ela é coisa em si e, como tal, estranha à pluralidade; esses graus aparecem, nos objetos particulares, como as suas formas eternas, como os seus protótipos (SCHOPENHAUER, 2001, p. 138).

Do mesmo modo, pode-se dizer que as leis da natureza às quais chamamos também forças naturais também são a objetivação da vontade. "Uma lei da natureza é a relação da ideia à forma dos seus fenômenos" (SCHOPENHAUER, 2001, p. 142). Isso significa que as regularidades da natureza manifestadas nas relações causais no tempo e no espaço são as ideias no sentido platônico estabelecendo relações necessárias entre si para criação da existência em toda sua multiplicidade. Essas relações entre as ideias, as leis, são infalíveis em qualquer tempo e espaço, porque estão submetidas sempre

sobre a mesma lei de causalidade. Mas estas leis não são a coisa em si, não são a vontade. São apenas a objetivação da vontade, pois esta não está submetida a nenhuma lei.

Assim, embora possamos estudar com o uso da razão os fenômenos em sua multiplicidade, fazendo cálculos dos intervalos de tempo entre os mesmos bem como o cálculo das distâncias no espaço entre os fenômenos, bem como a inferência das leis gerais que sustentam esses fenômenos, por detrás destes fenômenos estará a vontade irracional sobre a qual não possuímos nenhum discernimento racional, pois “não está submetida às formas do princípio da razão suficiente”, pois está fora do tempo e do espaço” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 145). Esta conformação dos fenômenos uns com outros procede da unicidade da vontade. Por outro lado, a guerra entre os fenômenos, uns sucedendo os outros no espaço e no tempo também procedem da essência da vontade, ao mesmo tempo una, irracional, conflituosa, dinâmica e cega.

A satisfação da vontade é pela existência, e a existência das coisas se dá no espaço e no tempo presentes nas formas de representação. A existência é por um lado representação em que sujeito e objeto se fundem de forma relativa a cada sujeito, um não existindo sem o outro, e por outro lado é vontade. A vontade é o plano de fundo imutável e não relativo de onde deriva o sujeito-objeto. A vontade é o princípio irracional que subsiste caso não existisse o sujeito-objeto. Ela é a coisa em si.

Na personalidade humana a vontade se mostra em toda a sua intensidade, pois as diferenças entre os indivíduos particulares são muito mais acentuadas do que no reino animal, vegetal e mineral. Embora as decisões do homem dependam “de circunstâncias no meio das quais o destino o colocou, do meio, das influências exteriores, dos motivos; mas nunca se explicará através disto a decisão do indivíduo: ela procede da vontade da qual esse homem é a manifestação” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 147). O caráter humano, assim como as leis da natureza, não é explicável através de suas próprias manifestações, os atos humanos são também fenômenos da vontade, em sua irracionalidade.

O caráter de cada homem é um ato particular de objetivação da vontade, porque cada homem é diferente do outro e não se reduz à sua espécie. O caráter corresponde à ideia platônica imutável porque em cada homem ele é único e não se altera no tempo, espaço e causalidade. E o modo empírico como o caráter se manifesta na vida prática

cotidiana seria o fenômeno deste caráter, a representação inteligível do mesmo submetido ao tempo, espaço e causalidade.

Mas por que a vontade deseja a existência das coisas? A palavra “porquê” já pertence ao mundo das representações e, portanto, não pode ser aplicada à vontade, uma vez que esta não está submetida às leis da causalidade. A vontade apenas deseja, um desejo sem motivos e sem explicações racionais. “Em resumo, a vontade sabe sempre, quando a consciência a ilumina, o que quer em tal momento e em tal lugar; o que ela quer em geral, ela nunca o sabe” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 173).

A vontade é indiferente ao princípio de individuação, princípio este que se manifesta em nós enquanto indivíduos únicos e em cada coisa existente, porque em cada ser a vontade se manifesta sempre como unicidade e enxerga todos os demais seres como coisas desprovidas de vontade. Daí a guerra entre os seres, o aniquilamento um pelo outro, porque a vontade de cada um, colocando-se como única, quer se afirmar sobre todas as demais na luta pela existência.

Por outro lado, no homem o princípio de individuação, submetido ao princípio da razão, pode ser objeto de estudo da própria consciência (da razão) de cada indivíduo, de forma que a individualização e a vontade possam ser em parte controladas quando o indivíduo consciente passa a representar o outro como um semelhante. Outra forma mais eficiente de controle da individualização e da vontade é a contemplação estética.

Para Schopenhauer o conceito de ideia em Platão pouco difere do conceito de coisa em si de Kant. Em Platão a ideia é a forma perfeita a qual devemos conhecer para obter o conhecimento verdadeiro, sendo as coisas da realidade apenas meras cópias imperfeitas destas ideias, por isso mesmo sem importância para o conhecimento. Em Kant, por outro lado, a coisa em si é desconhecida e incognoscível, sendo possível para as formas a priori do conhecimento presentes na consciência, as formas da razão pura, representadas pelo tempo, espaço e causalidade, apenas o conhecimento fenomenológico, o modo como a coisa em si se mostra para estas formas a priori da razão pura. Mas em essência, ideia e coisa em si são o mesmo conceito tratados de forma diferente. Em Schopenhauer, a ideia é a lei ou regularidade por detrás do fenômeno, como a força da gravidade, a lei da dilatação dos corpos, as leis da termodinâmica, as leis gerais da natureza, dos seres vivos e da formação das

sociedades. Tudo o mais pertence ao fenômeno, ao mundo do efêmero e do passageiro, aquilo que aparece ao sujeito.

Schopenhauer propõe então uma terceira via no tratamento da coisa em si. Diferente de Platão e Kant, para ele a coisa em si não deve ser desprezada ao submundo do incognoscível, como errou Kant, nem submetido às leis da causalidade, como errou Platão. Oposto a Kant, a coisa em si pode sim ser estudada e reconhecida sua importância fundamental, entretanto, oposto a Platão, deve ser estudada utilizando-se outros meios, não as leis da causalidade a priori.

A este seu conceito de coisa em si, inspirado em Platão e Kant, mas opondo-se a eles, Schopenhauer chamou vontade. Poderia ter chamado de qualquer outro nome, mas vontade, em que a vontade humana é apenas uma das formas, é o que melhor representa este princípio que ao mesmo tempo constrói e destrói sua criação de forma caótica e irracional, mas que se mostra ordenada e racional no tempo e espaço nas representações sujeito-objeto submetidas às leis da causalidade.

Além disso, este conhecimento destinado a servir a vontade só conhece dos objetos as suas relações; ele conhece os objetos apenas na medida em que eles existem em tal instante, em tal lugar, entre tais outros objetos, em virtude de tais causas, com tais propriedades; ele só os conhece, em uma palavra, a título de coisas particulares, e caso se suprimissem as relações, os objetos escapar-lhe-iam também precisamente porque ele conhece deles apenas as relações (SCHOPENHAUER, 2001, p. 185).

Por outro lado, o conhecimento estará sempre a serviço da vontade, tanto nos animais quanto no homem. “Nos animais, a sujeição do conhecimento à vontade nunca pode ser suprimida. Nos homens, a abolição desta sujeição tem lugar apenas a título de exceção [...]” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 186). Na contemplação estética, quando o homem deixa de usar os princípios da razão para tomar o objeto em si mesmo, de forma intuitiva, sem considerá-los em suas relações causais com outros objetos, desprovedo-os de tempo e espaço, é neste curto momento que o homem se liberta totalmente do jugo da vontade. Desta forma, o sujeito liberta-se totalmente da vontade e deixa de ser somente um indivíduo e passa a contemplar-se a si mesmo como fazendo parte de um conjunto sujeito-objeto, onde a contemplação do objeto ocorre de forma intuitiva, desprovida de toda a força da representação, o objeto é tomado como existente unicamente no presente para o sujeito. “A arte reproduz as ideias eternas que concebeu

por meio da contemplação pura, isto é, o essencial e o permanente de todos os fenômenos do mundo...” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 194).

É neste instante de contemplação estética que a individualidade é suprimida totalmente, desprovida da vontade, e o objeto é tomado como a própria ideia platônica, uma vez que sujeito e objeto saem da relação de tempo, espaço e causalidade, mostrando-se como formas eternas naquele instante. O objeto funde-se com o sujeito e a vontade é suprimida.

Se a vontade se objetiva e se torna representação, ela coloca imediatamente o sujeito e o objeto; se, além disso, esta objetividade se torna uma pura perfeita e adequada objetividade da vontade, ela coloca o objeto como ideia, liberto das formas do princípio da razão, ela coloca o sujeito como puro sujeito que conhece liberto da sua individualidade e da sua servidão diante da vontade (SCHOPENHAUER, 2001, p. 189).

O gênio para Schopenhauer será aquele que se liberta da ditadura da vontade e não aquele que se utiliza mais eficazmente da razão, como podemos concluir em Kant. O gênio será aquele que capta da intuição as ideias puras no meio de toda a tempestade de aparências:

Por conseguinte, a genialidade consiste em uma aptidão para se manter na intuição e aí se perder, para libertar da sujeição da vontade o conhecimento que lhe estava originariamente submetido; o que se resume em perder completamente de vista os nossos interesses, a nossa vontade, os nossos fins: devemos, durante um tempo, sair inteiramente da nossa personalidade, ser apenas o puro sujeito que conhece, olhar límpido do universo inteiro, e isso não durante um instante, mas durante tanto tempo e com tanta reflexão quanto forem necessários para realizar a nossa concepção com a ajuda de uma arte determinada; é preciso “fixar em fórmulas eternas o que flutua na vaga das aparências (SCHOPENHAUER, 2001, p. 195).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na filosofia de Schopenhauer, a ideia de livre-arbítrio é uma fantasia que não existe nem no sujeito e nem no objeto, uma vez que ambos estão ligados um ao outro e ambos sofrem as determinações da vontade. A vontade sim é livre, como coisa-em-si que está por trás de toda a aparente ordem das representações, não está sujeita à determinação alguma, ela é irracional e sem limites, ela controla tudo e a todos.

Deste modo, a ideia de livre-arbítrio dos indivíduos, que está por trás das representações nas redes sociais, também é uma fantasia que não existe no mundo real. Nesta perspectiva, ao emitirmos uma opinião nestes meios considerados livres, temos sempre que nos perguntar o que está nos impelindo a emitirmos aquela opinião. Quando nos aprofundamos em nós mesmos chegamos à resposta de que o motivo está muito além do que imaginávamos como livre-arbítrio.

Evidentemente, a filosofia não sugere que devemos nos omitir de opinar e participar. Mas a reflexão é essencial para estabelecermos nossos próprios limites enquanto indivíduos que imaginamos livres.

A noção de liberdade em Schopenhauer está justamente relacionada com essa capacidade humana de reflexão. Através da reflexão, que para ele é muito mais do que razão, os indivíduos são capazes, uns mais do que outros, de estabelecer uma sintonia com os elementos da representação intuitiva e conceitual, de forma que tenhamos consciência que somos seres pertencentes à uma espécie e não apenas indivíduos isolados. Somos seres dotados de uma vontade infinita. Vontade esta que se manifesta conforme certas regularidades de acordo com a espécie ao qual pertencemos. A espécie nos determina em parte.

De fato, para ele não somos livres, mas quando temos consciência desta ausência de liberdade e de todo o contexto que estamos inseridos, podemos adquirir embasamento para negar as imposições da vontade que estabelece sobre nós sua ditadura. Com isso, podemos respirar aliviados pelo menos naquele instante que negamos a força da vontade sobre nós. Embora seja uma perspectiva budista ou mesmo cristã, só nos resta esta possibilidade para afastarmos parte do sofrimento que advém de uma vontade insaciável.

Neste contexto próximo do budismo e do cristianismo, embora sem intenção de ética prescritiva, nossos posicionamentos nas redes sociais poderiam respeitar alguns princípios retirados do contexto da filosofia de Schopenhauer, para que nos fortalecêssemos como indivíduos:

1. Termos consciência de que pertencemos a uma espécie dotada de uma vontade que se manifesta em cada um de nós;
2. Aprofundarmo-nos na contemplação do mundo como ele é, de forma que não fiquemos apenas na superficialidade do que se mostra como representação intuitiva imediata ou conceitual sem aprofundamento;
3. Compreendermos que a felicidade não é a finalidade da vida humana e, embora naturalmente a busquemos a todo instante, a vida está inserida em uma realidade em que o conceito de felicidade simplesmente não existe;
4. Entendermos que a razão é apenas um instrumento de representação do mundo e não a própria forma de todas as coisas ou objetos do mundo;
5. Compreendermos que a contemplação estética dos objetos pode nos proporcionar o mais alto grau de satisfação e conhecimento dos mesmos;
6. E o mais importante, compreendermos que embora cada um de nós seja um indivíduo que está no centro de tudo e único ser do qual cada um possui consciência plena, portanto o único ser aparentemente existente do universo, sendo todos os demais apenas objetos de representação em relação a este ser único que é cada um, precisamos a todo instante ter na consciência que cada um dos demais seres também é um ser idêntico a nós, que também está no centro de tudo e para o qual somos apenas objetos.

Com estes conceitos em mente podemos dar um primeiro passo para nos constituirmos de fato como indivíduos plenos. Podemos compreender que somos seres pendentes em um tempo onde o presente imaginário oscila entre o infinito do passado que passou e que, portanto, já não é mais, embora tenha deixado em nós suas impressões pela lei da causalidade, e o infinito do futuro que ainda não chegou e que quando chegar já não é mais nem futuro e nem presente, apenas passado. Portanto, somos seres presos às determinações causais do passado, mas voltados para as possibilidades infinitas do futuro.

Entretanto, somos seres também espaciais, sujeitos ao espaço real onde estamos inseridos, ao nosso corpo, nosso cérebro, nossos órgãos, nossa casa, trabalho, cidade,

país, mundo e universo. No espaço real estamos sujeitos a todas as determinações e indeterminações. Somos limitados e tolhidos em nossa vontade de superação.

Mas, somos também seres virtuais, livres do espaço real, pois nossa imaginação visa muito além do que esta prisão espacial real, miserável e finita pode oferecer-nos.

No espaço virtual podemos ser múltiplos, podemos ser o que não somos, podemos fugir às regras estabelecidas, podemos ser infinitos, podemos mudar a ordem do tempo, do espaço e do universo. Podemos criar e destruir. Podemos ser a própria vontade que está em nós.

No espaço virtual podemos ter o Anel do Poder em nossos dedos e utilizá-lo como fez Gyges, Gollum ou Frodo. Podemos tudo. Mas o espaço virtual não é o espaço real. Disso temos que ter a consciência a cada instante. Aí entra a filosofia de Schopenhauer como auxílio para dominarmos a vontade do Anel do Poder.

REFERÊNCIAS

BUDA. **Samyutta Nikaya**, XXXV.167. 2017. Disponível em:
<http://www.acessoaoinsight.net/arquivo_textos_theravada/samyutta_intro.php >.
Acesso em: 31/08/2017.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos para a sabedoria de vida**. Tradução: Jair Barboza.SP: Martins Fontes, 2002.

SCHOPENHAUER, Arthur. **As dores do mundo**. São Paulo: Edipro, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tradução: M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2001

SCHOPENHAUER, Arthur. **Parerga e Paralipomena**. Trad. M. L. M. O. Cacciola.SP: Nova Cultural. 1988.